Nota prévia

Manuel Carlos Silva*

Mais um número temático da revista *Configurações*, editada pelo Centro de Investigação em Ciências Sociais (CICS), desta vez sob o título de "Trabalho e não-trabalho: valor e (in)visibilidade", é apresentado aos cientistas sociais e ao público geral interessado. O tema é de enorme actualidade e controvérsia não só quanto aos seus enquadramentos teóricos, como pelas suas implicações sociopolíticas e ideológicas e, em especial, pelas suas consequências práticas e vivenciais. Com efeito, o trabalho não só compreende a transformação da natureza como comporta diversas dimensões e significados: para uns, actividade produtora de valores de uso e, no modo de produção capitalista, de valores de troca (bens, serviços) ou ainda fonte de várias formas de alienação; para outros, base de ordenação de estatutos, papéis e classificações profissionais; para uns e outros, base de sustento, recompensa, motivo de satisfação, utilidade social e realização pessoal. Uns assumem a centralidade do trabalho enquanto valor estruturante; outros, mesmo quando não declarem o 'fim do trabalho', secundarizam-no por contraposição às técnicas de informação e comunicação (TIC), à acção (inter)comunicativa e simbólica e respectiva prevalência das redes ou ainda à relevância do consumo e dos estilos de vida. Com efeito, as TIC vieram revolucionar os modos de trabalho e de vida, reintegrar os processos manuais e mentais na automatização e diminuir a penosidade de certas tarefas na cadeia produtiva, mas nem sempre reduziram a monotonia ou o carácter alienante do trabalho.

Num tempo de globalização desregulada e de crescente intensidade, polivalência e flexibilização do trabalho, verificam-se profundas alterações nos processos produtivos e nos usos da força de trabalho, com a destruição, criação e reconfiguração de tarefas, posições e identidades laborais, assim como tendências de individualização e liberalização nos processos de trabalho e nos comportamentos sociais. Subtilmente tem vindo nalguns círculos a ser remetida para a responsabilidade dos trabalhadores a respectiva trajectória laboral de cada um; ou então é negada a tese do tempo de trabalho necessário como fundamento do valor por haver inúmeros trabalhos

* Director do CICS.

Configuracoes 7.indb 5 03-07-2011 19:59:28

concretos diferenciados não sujeitos a padronização quantificável nem passíveis de serem subsumidos em trabalho abstracto; ou ainda é assumida a informalidade e a precariedade do trabalho como fenómenos incontornáveis e inevitáveis no mundo global de hoje. Para além do confronto teórico, respostas práticas de contraponto a esta situação começam a despontar mas ainda sem configuração colectiva clara.

Neste número da revista *Configurações* são apresentados artigos com diversos olhares e perspectivas, em que as vertentes conceptual-teórica e empírica em torno do trabalho e não-trabalho foram desenvolvidas em artigos dos diversos autores, cujos importantes contributos agradecemos. Dos seus conteúdos dá conta, numa primeira abordagem de síntese, a colega Ana Paula Marques, especialista na área da Sociologia do Trabalho e coordenadora do grupo de investigação do CICS Trabalho, Desigualdades e Políticas Públicas. À colega, assim como aos demais membros co-organizadores do número – Fernando Bessa Ribeiro, Rita Moreira, Ana Jorge e Aleksandra Queiroz –, a Direcção do CICS agradece o meritório trabalho de organização e coordenação deste número que honra os autores, os coordenadores e o próprio CICS.

Configuracoes 7.indb 6 03-07-2011 19:59:28